

Observação “com presença” junto de um grupo de etnia Cigana

*Olga Magano*¹

As Ciências Sociais desenvolveram um conjunto de métodos e técnicas que nos permitem fazer opções, de acordo com o tipo de trabalho de investigação, a perspectiva ou o modo como pretendemos imergir no nosso objecto / tema de estudo. De facto, toda a investigação científica é orientada por um conjunto de directrizes que traduzem a metodologia adoptada. Nesta comunicação reflectiremos sobre algumas questões suscitadas pela aplicação de uma metodologia qualitativa, usando a observação “com presença”, como técnica privilegiada, num estudo realizado junto de uma comunidade Cigana.

Uma investigação implica sempre ajustamentos em termos de procedimentos, da concepção dos percursos, com vista a maior adaptabilidade aos fenómenos e domínios estudados (Quivy et al., 1992:p.23). Para certos autores como, por exemplo, para Kirk e Miller (citados por Lessard-Hébert et al., 1990:p.66), os critérios científicos usados nas metodologias qualitativas, são iguais aos da metodologia quantitativa, ou seja, obedecem aos critérios de objectividade, validade, triangulação dos dados e de fidelidade. Seguindo o raciocínio destes autores, no que respeita à objectividade, a construção de um objecto científico passa, por um lado, pelo confronto dos conhecimentos ou das ideias com o mundo empírico e, por outro lado, pelo consenso social de um grupo de investigadores sobre essa mesma construção. Quanto à validade, importa saber se o investigador «observa realmente aquilo que pensa estar a observar». É uma resposta ao problema da lógica da argumentação ou da demonstração que ligam as diversas componentes de uma perspectiva entre si, desde a formulação da intenção e dos objectivos da investigação, passando pela análise e tratamento dos dados, culminando na interpretação e na verificação dos resultados. Por triangulação entende-se o procedimento de validação instrumental efectuado por meio de uma confrontação dos dados obtidos a partir de várias técnicas, tais como a observação sistemática, participante, entre outras. A fidelidade seria garantida pelo rigor usado nos registos a realizar.

No entanto, os dados obtidos a partir da metodologia qualitativa não são passíveis de serem medidos. Uma faceta essencial consiste no facto das explicações consideradas satisfatórias das actividades sociais requererem uma apreciação das perspectivas culturais e “visões do mundo” dos autores envolvidos.

Na aplicação da metodologia qualitativa o campo de estudo não é pré-estruturado nem pré-operacionalizado, sendo um processo fundamentalmente indutivo. O investigador deve-se submeter às condições particulares do terreno e estar atento a dimensões que se possam revelar importantes (Lessard-Hébert et al., 1990:p.99). Como diz Albarello (1997), o procedimento indutivo parte da observação do terreno. Na sua base encontra-se uma pesquisa exploratória, fase aberta na qual o investigador se situa como um verdadeiro explorador, se familiariza com uma situação ou um fenómeno e tenta descrevê-los e analisá-los. Este tipo de procedimento deve ser adoptado quando o objecto teórico visado é descrever ou explicar situações, cujas dimensões são ao mesmo tempo objectivas e simbólicas, ou seja, para abordar realidades concebidas como internas aos actores, apesar de socialmente produzidas, realidades que nos são apresentadas sob diversas designações como as representações dos actores, modelos culturais, *ethos*, *habitus*, etc.

A ruptura com o senso comum deve ser progressiva, num contínuo permanente, entre compreensão, escuta atenta, distância e análise crítica. Este modo de construção do objecto é típico dos métodos qualitativos, que são confrontados com uma enorme riqueza informativa do terreno, o que desenvolve uma postura de curiosidade, de atenção, de abertura. O terreno não é apenas o instante de verificação de uma problemática pré-estabelecida, mas sim o ponto de

¹ Docente da Universidade Aberta e Investigadora do CEMRI / Univ. Aberta (omagano@univ-ab.pt)

partida para a problematização (Kaufmann, 1996: p. 20). O terreno é o ponto de partida para a elaboração teórica.

A perspectiva compreensiva defende que o ser humano vulgar tem muito para nos ensinar, não sendo um simples agente portador de estruturas mas sim produtor activo do social, depositário de um saber importante. A “conversa” compreensiva, segundo a concepção de Kaufmann, pretende combinar, de forma estreita, o trabalho de terreno e a fabricação concreta de teoria.

Nesta investigação, para “aproximação” a uma comunidade Cigana, considero que foi fundamental o conhecimento anterior da população. São bem conhecidas as dificuldades verificadas para contactar, conviver e ganhar a confiança de uma população pertencente a uma minoria étnica desfavorecida, neste caso, a Cigana, muito fechada sobre si mesma. Como alertam Carmo e Ferreira, o investigador é habitualmente considerado como um intruso precisando de ganhar a confiança do grupo ou da comunidade onde se vai integrar (Carmo e Ferreira, 1998). O facto de ter participado no processo de realojamento da comunidade em causa, permitiu-me o seu conhecimento prévio e, na população, julgo poder afirmá-lo, a construção de uma imagem positiva sobre mim. A bibliografia alerta-nos para os riscos que podem afectar a investigação, nomeadamente relativamente à confusão de papéis. No entanto, avaliando os resultados obtidos, penso que esta aproximação foi frutífera pela abundante informação recolhida e pela profundidade de conhecimento que, na minha opinião, não seria tão acentuado usando outra metodologia.

Malinowski defende que o investigador deveria ir viver com o grupo que pretendia estudar, durante longos períodos de tempo. Ora, se esta opção nos parece fazer todo o sentido quando se trata de estudar grupos ou povos longínquos, o mesmo não nos parece fundamental, quando o investigador está geograficamente próximo do grupo que vai estudar. A presença contínua de um estranho nas actividades de um grupo é certamente menos tolerada que as questões colocadas numa entrevista de uma hora. É mais fácil mentir a um entrevistador do que dissimular o que se está a observar. Nesta situação é muito importante conseguir ser pessoalmente aceite. A empatia precisa de ser estabelecida mutuamente.

Firmino da Costa defende que a pesquisa de terreno supõe uma presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e as situações. O investigador «observa os locais, os objectos e os símbolos, observa as pessoas, as actividades, os comportamentos, as interacções verbais, as maneiras de fazer, de estar e de dizer, observa as situações, os ritmos, os acontecimentos.» (Firmino da Costa, 1986:p.132).

A observação apresenta como vantagens, segundo Quivy (1992), a apreensão dos comportamentos e dos comportamentos no próprio momento em que se produzem; a recolha de um material de análise não suscitado pelo investigador e, portanto, relativamente espontâneo; a autenticidade relativa dos acontecimentos em comparação com as palavras e com os escritos. É mais fácil mentir com a boca do que com o corpo.

O observador participante reúne dados, porque participa na vida quotidiana do grupo ou da organização que estuda. Observa as pessoas que estuda por forma a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Estabelece conversa com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa (Burgess, 1997:p.86). Fazer observação-participante implica que o observador participe, que seja aceite ao ponto de se integrar no grupo, de forma que quase se esquece que é observador .

Raúl Iturra (1986), distingue observação participante de trabalho de campo. Defende que a observação participante refere-se ao envolvimento directo que o investigador de campo tem com o grupo social que estuda, dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo. É pontual e trata-se de um envolvimento que despe o investigador do seu conhecimento cultural próprio, enquanto veste o do grupo investigado. Por seu lado, o trabalho de campo envolve mais aspectos da conduta social, procura contextualizar as relações sociais que observa. É envolvente e procura o conhecimento através de outros vários procedimentos, entre os quais está a observação participante. O observador participante reúne dados, porque participa na vida quotidiana do grupo ou da organização que estuda. Ele observa as pessoas que estuda por forma

a ver em que situações se encontram e como se comportam nelas. Ele estabelece conversa com alguns ou todos os participantes nestas situações e descobre a interpretação que eles dão aos acontecimentos que observa. (Burgess, 1997:p.86).

No trabalho de campo que desenvolvi realizei observação directa, observação participante, numa postura etnográfica. Chamo-lhe observação “com presença”, por se tratar de uma combinação de diferentes técnicas que fui adequando à evolução do trabalho e por forma a distingui-la do conceito consagrado de observação participante, na medida em que não participei em toda a vida do grupo. Coloquei-me na perspectiva de realizar «um trabalho que procura conhecer do interior a partir do acesso que tivemos do ponto de vista dos actores.» (Fernandes, 1998:p.11).

Na interacção social não se pode não comunicar, pelo que não há que evitar a interferência mas sim tê-la em consideração, controlá-la e objectivá-la sempre que possível. Muitas vezes as informações mais significativas não são as que o investigador obtém através das perguntas que faz mas das perguntas que lhe fazem a ele: sobre quem é, o que faz, o que quer, o que pensa disto ou daquilo. Foi, de facto, o que se passou comigo no decurso da investigação: a curiosidade era recíproca.

Nesta investigação, apesar de não “viver no bairro”, durante quatro meses passei lá muitos dias, de manhã à noite. Dias passados a conversar com as pessoas que se iam deixando estar comigo. E, foram muitas as vezes, em que fui questionada sobre o tempo passado ali no bairro (muita curiosidade sobre a minha vida: se não tinha casa para cuidar, cônjuge, filhos, etc.). De salientar que, neste tipo de investigação, o investigador fica muito exposto, sendo necessário estar preparado para uma troca de informação constante. Foi-me possível aperceber de algumas das representações que “eles” (Ciganos) têm sobre “nós” (o investigador enquanto interlocutor representante da sociedade dominante). Por exemplo, foi verbalizado que as pessoas como eu poderiam viajar para onde quisessem pois ganhamos muito dinheiro e como é que nos é possível (sobretudo talvez por ser mulher?) passar tanto tempo lá no bairro (não tenho casa, filhos, marido, para tratar?)?

De facto, o acompanhamento próximo possibilita apreender a multiplicidade de facetas das redes de relações em que a população objecto de estudo está inserida: das práticas quotidianas, das estratégias de vida, dos quadros de representações sociais respectivos.

A descrição de um grupo e das suas práticas fazem do investigador uma espécie de encenador. É ele quem escolhe as sequências, a quem dá a palavra, a quem ele comentará, salientando um ou outro aspecto. Esta abordagem implica ter subjacente a invisibilidade da vida quotidiana. A maior parte das vezes o quotidiano escapa-se-nos por ser demasiadamente familiar. Este tipo de investigação permite distanciar o que é familiar e procurar explicitar o que está implícito.

As idas para o bairro eram feitas sem contactos prévios. Esperava que os encontros, não planeados, se fossem sucedendo, seguindo as rotinas quotidianas da população, para que, através dessas observações, pudesse apreender alguns dos aspectos daquela realidade social complexa em que eu tinha imergido, em toda a sua densidade e diversidade. Neste tipo de investigação, o investigador é o principal instrumento de recolha de dados, significando que a presença do investigador no “terreno” não pode deixar de ser notada e de ser interferente com o contexto.

A observação abarca todo o ambiente (físico, social, cultural, etc.) onde as pessoas desenvolvem a sua vida, numa familiarização crescente com o contexto: deambular pelo espaço, falar com as pessoas, fazer perguntas, ser alvo de perguntas, participar em actividades próprias do local, o que vai reduzindo a presença do investigador enquanto «corpo estranho» e lhe permite aceder a uma percepção proximal das perspectivas dos actores sociais sobre as suas vidas, das significações que guiam comportamentos (Fernandes, 1998)

A presença prolongada no “terreno”, o “deixar-me estar”, conversando, sem pressas, com a população e observando, foi permitindo apreender aspectos mais profundos sobre a cultura, o quotidiano, as representações, etc. As conversas ocorriam com quem encontrasse, de forma aleatória, e não obedeciam a um guião, aproximando-me do sentido das “conversas”, usado por Kaufmann. Normalmente, iniciava as “conversas” por questões relacionadas com o

quotidiano: o tempo, onde estão os filhos, etc. e, conforme se ia proporcionando, procurava introduzir temas que me interessava abordar e que eu tinha previamente definidos. Passei muitos dias no bairro sentada nos pátios, a conversar.

De determinados aspectos, só com o passar do tempo, é que nos apercebemos como, por exemplo, a tomada das refeições. Cheguei a questionar-me se “eles” teriam horários de refeições idênticos aos “nossos”, porque não os via cozinhar, nem comer. Na realidade, como percebi mais tarde, o que se passava era um gesto de delicadeza para comigo (sentiam-se na obrigação de “fazer sala”). Não tomavam as refeições enquanto eu estava lá. Com a habituação à minha presença, passaram a desenvolver as suas tarefas e rotinas diárias, nomeadamente, a preparação das refeições. No último mês da minha presença no bairro, quando iam comer, primeiro certificavam-se se eu já estava a comer com alguém.

Esta experiência foi muito gratificante. O modo amistoso e cordial com que esta população me recebeu deixou-me gratas recordações. Apesar das suas dificuldades económicas, muitas vezes para garantir a sobrevivência diária, sempre com um sorriso no rosto tiveram um pouco da sua comida para me oferecerem. Esta simpatia traduziu-se também na insistência para eu aceitar “coisas” de ciganos como por exemplo, um cesto, “como se fazia antigamente” (sic), ou cassetes de música cigana.

Conseguir atingir este à-vontade implica tempo de permanência no local, e alguma disponibilidade e mesmo identificação (no sentido de gostar do trabalho que está a desenvolver) com as pessoas observadas. No princípio deste trabalho, eu tinha uma grande preocupação se a minha presença incomodava. Com a continuação do trabalho de terreno as pessoas foram sentindo-se cada vez mais à vontade. Se tinham de sair, saíam. Deixaram de se prender com a minha presença.

Apesar das explicações repetidamente dadas sobre o objectivo da minha presença no local, para os “observados” é uma situação de difícil compreensão. No caso concreto, demorou algum tempo até que se verificasse a descolagem da primeira imagem sobre mim como técnica municipal para me passarem a ver de outra forma, como alguém interessado em conhecer a cultura Cigana.

Como estratégia, adoptei não tomar notas nem usar gravador. Não queria criar constrangimentos. Acredito que o uso desses instrumentos de registo poderia, de alguma forma, ter comprometido o percurso da investigação e a relação de confiança e até de amizade que, em alguns casos, se estabeleceu. Criei o meu diário de campo onde fui registando, por ordem cronológica, os vários procedimentos, os resultados das observações efectuadas e os acontecimentos relevantes. Utilizei dois tipos de registos: um para aquilo que observava directamente e o outro para as conversas, escrevendo em diálogo, numa sequência cronológica dos acontecimentos, das atitudes, discursos, reacções, etc. Neste meu “Diário de Campo” registei todas as conversas, observações e interrogações. Criei a minha fonte de dados pessoal.

Quando saía do bairro começava a escrever, o mais rapidamente possível, tentando ser o mais fiel possível para não perder informação. Após o primeiro registo, relia e completava um ou outro aspecto que pudesse ter escapado. Para Ander-Egg, o diário é o relato escrito quotidianamente das experiências vividas e dos factos observados (Ander-Egg, 1980: p.129). Como referem Carmo e Ferreira (1998), o diário de pesquisa é um verdadeiro “diário de bordo”.

Na perspectiva de Malinowski, neste tipo de investigação, as fontes são acessíveis mas, por vezes, são evasivas e complexas porque não radicam tanto em documentos estáveis, materiais, mas sim no comportamento e nas recordações dos seres vivos. No entanto, este autor considera que qualquer fonte etnográfica tem valor científico inquestionável sempre que se possa fazer uma distinção clara entre, por um lado, o que são os resultados de observação directa, e as exposições e as interpretações do indígena e, por outro lado, as deduções do autor baseadas no seu sentido comum.

Para a realização deste estudo, não houve preocupação com a constituição de uma amostra representativa, uma vez que neste tipo de estudos não se coloca a questão da representatividade, no sentido estatístico. O critério que determina o valor da amostra passa a ser a adequação aos objectivos da investigação, tomando como princípio a diversificação das

pessoas interrogadas. Assim, os indivíduos não são escolhidos em função da sua importância numérica da categoria que representam, mas antes devido ao seu carácter exemplar.

Neste sentido, a amostra deste estudo foi a população cigana de um pequeno bairro da cidade do Porto, escolhida pelo conhecimento prévio da população e por se tratar de uma população de sedentarização mais ou menos recente: primeiro em barracas e, no momento do estudo, realojada em habitações unifamiliares pré-fabricadas.

A elaboração de genogramas permitiu perceber os laços de parentesco entre as grandes famílias, a dimensão das famílias, as idades das várias gerações, algumas das tramas afectivas existentes entre as várias pessoas, etc. Neste bairro residiam 13 núcleos familiares, em sentido restrito, contando com 80 pessoas, que se distribuíam por três grandes famílias (no sentido de família alargada).

Procurei diversificar, tanto quanto possível, as pessoas com quem falava, mas acabei por deparar com alguns obstáculos inesperados: muitos dos casais mais jovens estavam quase sempre para fora, para as feiras, ou para as romarias a pedir. Alguns, não os vi durante todo o tempo que andei no terreno. Fui-me apercebendo que quase todos os mais jovens têm carro (velhas carrinhas e velhos pequenos camiões – transformados em “caravanas”, equipados com fogão e colchões para pernoitar) e vão-se deslocando de feira em feira ou de romaria em romaria, a pedir ou a vender pensos rápidos. Comecei o trabalho de campo no início do mês de Março, o que coincidiu com o início da “temporada” das festas e romarias. Como me chegaram a expressar algumas mulheres ciganas: “É como a formiga: ganha-se no verão para gastar no inverno! Alguns nunca cá estão. Só cá está quem não tem carro” (sic). As pessoas que acabam por estar mais tempo no bairro são alguns dos ciganos e ciganas mais velhos (embora não muito velhos pois – a população residente é muito jovem. A pessoa cigana mais velha era uma mulher de 60 anos) .

É muito importante a partilha de experiências do trabalho de campo, da recolha da informação. Ainda é prática pouco corrente a divulgação detalhada dos procedimentos metodológicos adoptados para a realização de uma investigação. A situação mais frequente é valorizar alguns dos resultados obtidos, pouco sendo dito sobre a forma como foram obtidas aquelas informações. Para Malinowski, deve ser dispensado mais cuidado na apresentação dos resultados, devendo-se explicar todos os procedimentos metodológicos usados para chegar a essa informação.

Qualquer fonte de dados não fala por si mesma. É necessário extrair, reduzir, tratar os dados para que eles façam sentido ou nos permitam aprofundar o conhecimento e a compreensão sobre o objecto de estudo. É frequente existir uma enorme distância entre o material bruto da informação e a exposição final e teorizada dos resultados.

Para o tratamento da informação recolhida e compilados no Diário de Campo, foram criadas categorias *ad hoc* de análise de resultados dos registos realizados, de forma a compreender as posturas adoptadas perante os diversos grandes domínios da vida social de modo a permitir uma leitura sobre as formas de integração ou de exclusão social desta população Cigana. As referências que se enquadravam nas diferentes categorias, foram extraídas e incluídas nos respectivos quadros de análise o que permitiu seleccionar a informação, de acordo com as dimensões de análise que decidimos considerar: a habitação / espaço doméstico; ocupação / actividades económicas; a estrutura educativa; família / relações de vizinhança; alimentação; saúde / relações com estruturas de saúde; cultura: costumes, valores e língua; religião / crenças e as representações, aspirações e perspectivas quanto ao futuro.

Numa análise qualitativa, nos diferentes momentos da sua execução (*design* da investigação, recolha e análise de dados) articulam-se três actividades cognitivas: 1) A redução de dados – define-se pelo processo de selecção, de focagem, de simplificação, de abstracção e de transformação do material recolhido; 2) A apresentação/organização dos dados – Os dados são organizados/apresentados sob formas que permitem um trabalho de interpretação; 3) A interpretação/validação dos resultados – No início as interpretações são vagas mas vão-se tornando mais precisas (Albarello et al., 1997:p.123). É a fase da descoberta, perante os dados recolhidos.

Apesar de, como advertem vários autores, algumas características sociais do indivíduo, tais como a sua pertença de classe e a sua actividade profissional, poderem condicionar o processo de recolha de informação, defendendo que se não existisse um relacionamento anterior com esta população, não poderia ter aprofundado e participado na vida desta comunidade da

forma como me foi permitido. Carmo e Ferreira, defendem que o investigador é habitualmente considerado como um intruso pelo que precisa de ganhar a confiança do grupo ou da comunidade onde se vai integrar. Conhecendo, à partida, os riscos que corria, por investigar uma população que já conhecia e que me conhecia e, embora, por vezes, tenha tido dúvidas sobre os perigos que a confusão de papéis poderia ter sobre os dados recolhidos, penso que, avaliando o trabalho desenvolvido, sem dúvida, prevalecem as vantagens, sobre as desvantagens.

Se encararmos a investigação no sentido positivista ou do modelo clássico de investigação, poder-se-ia considerar a cientificidade do trabalho de campo colocada em causa. Mas a riqueza da informação recolhida desta forma não teria sido possível doutra forma. Bourgois (1996), citado por Fernandes (1998:p.29) indica que «os etnógrafos violam os cânones da investigação positivista; nós tornámo-nos intimamente envolvidos com as pessoas que estudamos.», o que de facto posso confirmar por esta experiência.

O método adoptado permitiu recolher muitas informações mas ao mesmo tempo deixou algumas falhas na compreensão, traduzindo-se no desejo de conhecer mais. No fundo, são as consequências da opção de ouvir quase sem interrogar, para não assustar, para não fazer recuar perante a curiosidade. A realização deste trabalho possibilitou a recolha de vários indícios que sugerem uma paulatina integração social, uma adequação à sociedade dominante, através de diversas formas de aculturação, mas preservando os aspectos culturais mais específicos da cultura Cigana, permitindo a sua sobrevivência.

Referências bibliográficas.

- ALBARELLO, Luc et. Al (1997) – *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva
- ANDER-EGG, Ezequiel (1980) – *Metodologia y Practica del Desarrollo de la Comunidad*, 10ª ed., Tarragona, Editorial Universitária Europeia
- BURGESS, Robert G. (1997) – *A pesquisa de terreno*, Oeiras, Celta Editora
- CARMO, Hermano; FERREIRA, Manuela Malheiro (1998) – *Metodologia de Investigação: Guia para auto-aprendizagem*, Lisboa Universidade Aberta
- FERNANDES, Luís (1998) – *O Sítio das Drogas*, Lisboa, Editorial Notícias
- FIRMINO DA COSTA, António (1986) – *A pesquisa de Terreno em Sociologia* in SILVA, Augusto S.; PINTO; José M. (Org.) – *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, ed. Afrontamento
- ITURRA, Raúl (1986) – *Trabalho de campo e observação participante em Antropologia* in SILVA, Augusto S.; PINTO; José M. (Org.) – *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, ed. Afrontamento
- KAUFMANN, Jean-Claude (1996) – *L'Entretien Compréhensif*, Paris, Éd. Nathan
- LESSARD-HERBERT et. Al (1994) – *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget
- MAGANO, Olga (1999) – *Entre Ciganos «Portugueses»: - Estudo sobre a integração social de uma comunidade cigana residente na cidade do Porto*, Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais, Universidade Aberta, Porto
- MALINOWSKI, Bronislaw (1986) – *Los Argonautas del Pacífico Occidental*, 3ªed. Barcelona, Ediciones 62/Ediciones Península- História/Ciência/Sociedad (1ªed. Inglesa 1922)
- MOREIRA, Carlos Diogo (1994) – *Planeamento e Estratégias de Investigação Social*, 3ª ed., Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1992) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 1ª ed., Lisboa, Gradiva